



Os Seis Terríveis

Enid Blyton

<http://groups.google.com/group/digitalsource>



Este livro é dedicado com respeito e afeição a

BASIL HENRIQUES

(Presidente do Tribunal de Menores de Londres Oriental) sem a sugestão do qual esta história não teria sido escrita.

PREFÁCIO

Embora Os Seis Terríveis tenha sido inicialmente destinado às crianças - será de absorvente interesse para elas - estou certo de que também será de não menos interesse para os adultos, sobretudo, para aqueles que têm filhos e, mais ainda, para os que lidam com as irrequietas crianças que comparecem nos Tribunais juvenis: magistrados, vigilantes, tutores e também os diretores das escolas donde vêm esses jovens.

Admite-se geralmente que o lar desfeito é uma das causas principais que arrastam as crianças para o mal. As crianças que comparecem nos tribunais são mais infelizes do que más e é o lar desfeito que causa, frequentemente, a infelicidade dessas crianças, sobretudo, quando a expressão significa a casa em que os pais discutem diante dos filhos e que a mãe abandona para ir trabalhar, quando necessitam dela.

OS SEIS TERRÍVEIS

A descrição do desenvolvimento espiritual de Berto e Tomás é, a meu ver, notável. Mostra por que motivo o lar desfeito conduz as crianças para o mal, e a gradual deterioração dos dois rapazes é-nos dada de uma maneira que não vi ainda ultrapassada.

Este livro ajudará as crianças a evitar aquilo que sabem estar errado, pois verificarão que as conseqüências são graves. Mas ajudará, sobretudo, aqueles que têm que educar essas crianças, procurando para elas o amor, a paz e a felicidade por que anseiam.

Não há dúvida de que jovens e adultos ficarão profundamente gratos a Enid Blyton por mais um notável e encantador livro.

BASIL HENRIQUES

NOTA PARA O LEITOR

Típico para crianças? Ou para adultos? Para este livro isso não importa. Foi escrito para toda a família e para aqueles que têm de cuidar de crianças. Foi escrito, como todas as histórias, para entreter o leitor, mas também para apontar erros existentes no mundo e ajudar a solucioná-los.

Amo as crianças, boas ou más. Conheço muitas que são boas; mas vi, nos Tribunais de Menores, outras que são más. Um dos mais notáveis magistrados destes tribunais é o célebre Dr. Basil Henriques, que trata tão sensata e amavelmente todos os delinquentes levados à sua presença.

Receosa, perguntei-lhe se queria ter a bondade de folhear o meu livro para ver se haveria erros no que respeita ao processo no tribunal. Nunca lhe poderei agradecer o incómodo a que se sujeitou e sobretudo, o amável e excelente prefácio que escreveu. Foi o melhor conselheiro que tive até hoje.

ENID BLYTON

CAPITULO I

DUAS FAMÍLIAS MUDAM-SE

Donald e Joana precipitaram-se para a janela, ao ouvirem no exterior o ruído de pesadas rodas. Correram o cortinado.

- Os novos inquilinos estão a mudar-se para a casa do lado - disse Joana. - O camião já chegou, mãe. Gostaria de saber quem são. Terão filhos?

- Espero que sim - respondeu a mãe. - Não, Pat, não irás para a janela enquanto não beberes o leite. Bebe-o depressa!

Patrícia bebeu o leite tão depressa que se engasgou. Depois correu também para a janela. Todos os Mackenzie se quedaram a observar o grande camião parado em frente do bangaló vizinho.

- Não me agrada muito a cara do rapaz - opinou Donald. - Vejam como sacode o batente! Devia saber que a casa está vazia.

Mal-humorada, a mãe gritou qualquer coisa ao rapaz que se voltou e fez uma careta. Uma das irmãs deu-lhe um encontrão ao chegar junto da porta, mas ele repeliu-a.

Depois, a nova família desapareceu no interior e os homens das mudanças abriram as portas traseiras do camião e começaram por descarregar uma mesa.

- Olhem, há duas pessoas que se dirigem para a Vivenda Espinheiro, aqui ao lado! - disse Patrícia. - Será a outra família?

- Creio que sim - respondeu Joana. E as três crianças fitaram com curiosidade a simpática mulher e o igualmente simpático filho que se dirigiam para a casa vizinha. A mulher tirou uma chave e abriu a porta. Ela e o filho desapareceram no interior.

- De um lado, uma família com três crianças e do outro, um rapaz - disse Donald. - Nada mau! De qualquer maneira, teremos a oportunidade de fazer novos amigos. É a primeira vez que temos crianças por vizinhos, desde que moramos aqui. Vai ser agradável, não vai, mamã?

- Com certeza - respondeu a mãe, atarefada. Joana, quero que vás a ambas as casas e ofereças chá a essa gente. Devemos mostrar-nos prestáveis pois, por certo, que estão todos muito atrapalhados.

- Irei com ela - prontificou-se Donald, ansioso por observar os quatro jovens vizinhos.

- E eu também - disse Patrícia.

- Não. Três seriam demais - retorquiu Joana.

Patrícia não disse nada, mas a mãe notou que ficara desapontada. Os gémeos, que eram tudo um para o outro, punham-na muitas vezes de parte.

- Minha pobre abandonada! - pensou a senhora Mackenzie pela centésima vez. - Está sempre só! Oxalá um desses quatro pequenos se torne amigo dela. Talvez o rapaz do lado, da Vivenda Espinheiro.

Houve grande azáfama durante toda a manhã. Os homens das mudanças carregaram com os móveis para as casas, cambalearam sob o peso de um enorme guarda-fatos destinado a Fenos de Verão e de um piano para a Vivenda Espinheiro. Transportaram mesas, cadeiras, sofás e quadros, uma máquina de lavar roupa para a casa em frente e um esquentador para o bangaló.

- Será engraçado ver todos aqueles móveis colocados à toa nas salas - observou Joana. - Mãe, já são horas de ir oferecer-lhes o chá?

- Sim. Passa das sete. Diz-lhes que a senhora Mackenzie tem muito gosto em lhes oferecer um bule de chá, pois devem estar a precisar disso.

Joana e Donald saíram. Patrícia seguiu-os com o olhar.

- Gostarias de ir perguntar aos moradores do bangaló se querem chá? - inquiriu a senhora Mackenzie.

- Oh, não! - exclamou Patrícia. - Sentir-me-ia envergonhada por falar com pessoas que não conheço. Não me importava de ter ido com o Donald e a Joana, mas nunca me querem com eles.

- Querem, sim, querida - afirmou a mãe. - Mas são gémeos e os gémeos portam-se sempre assim. Preferem a tua companhia à de qualquer outra pessoa.

- Gostava de ser gémea, também - disse Patrícia. - Olhe, mãe, já estão em Fenos de Verão.

Donald e Joana tinham chegado à porta de entrada e sacudiram delicadamente o batente. Mas ninguém respondera. Havia muito barulho nas escadas, como se os móveis estivessem a ser arrastados de um lugar para outro. Uma voz de criança gritou qualquer coisa, depois ouviu-se novamente o arrastar dos móveis pelo chão.

- Parece-me que não conseguem ouvir o batente - disse Donald, espreitando através do vestíbulo. Olha, já estenderam os tapetes. Vamos ter com eles e transmitir-lhes a oferta da mamã.

Entraram para o vestíbulo. Ouviram vozes na cozinha e decidiram encaminhar-se para lá. Mas detiveram-se à porta.

Uma voz de mulher soou irritada:

- Disseste que tratarias do gás e não o fizeste. E também não há oleado. Gostava de saber em que pensas! Há duas semanas que trabalho como uma

escrava, preparando e emalando tudo, fazendo cortinas novas, e tu, como de costume, nem as pequenas coisas fazes!

A voz era dura e áspera. Donald e Joana voltaram rapidamente para o vestíbulo.

- Era a mãe deles, não era? - inquiriu Joana.

- Com quem estava a falar? Com um dos descarregadores?

- Não sei - respondeu Donald. - Que voz desagradável! Vamos ver se encontramos outra pessoa.

Mas, antes que o pudessem fazer, a porta da cozinha abriu-se com brusquidão e um homem e uma mulher saíram. Ela parecia zangada e ele de mau humor. Detiveram-se surpreendidos ao depararem com Joana e Donald.

- Por favor, desculpem termos entrado - apressou-se Donald a dizer-mas moramos na casa vizinha e a nossa mãe mandou-nos cá para lhes dizermos que teria muito gosto em lhes oferecer um bule de chá, no caso de quererem. Ela compreende o que são mudanças.

- É muito amável da sua parte... - começou o homem; mas a mulher interrompeu-o desabridamente:

- Agradecei à vossa mãe, mas não queremos que se incomode com o chá. Podemos facilmente pôr uma chaleira no fogão a gás. Sois as crianças que moram em frente?

- Somos - respondeu Donald. - E também somos gémeos. Moramos na Vivenda Barlings.

Houve um ruído nas escadas e três crianças surgiram numa correria.

- Mãe... onde está a minha cadeirinha? Não se perdeu pelo caminho, pois não? - gritou uma das meninas.

Viram Joana e Donald e ficaram-se a observá-los com curiosidade.

- São os meninos da casa em frente - explicou-lhes a mãe. E voltando-se para os dois gémeos:

- Bem, voltai para casa. E agradecei à vossa mãe.

- Como é que eles se chamam? - quis saber o rapaz, ao ver que se preparavam para sair.

A mãe franziu o sobrolho e deu-lhe uma cotovelada. Embora ela tivesse baixado a voz, os gémeos ouviram perfeitamente o que disse aos filhos:

- Ainda não sabemos de que género de família se trata. É possível que eu não queira que faleis com eles.

As duas crianças estavam irritadíssimas quando chegaram ao portão de sua casa.

- Que mulher horrível! - exclamou Joana. - E mentirosa, ainda por cima! Disse que poria uma chaleira no fogão, e nós ouvimo-la dizer ao marido que não tinha gás! Não gosto dela!

- Também não gosto do rapaz - disse Donald desapontado. - Vamos contar à mamã.

Correram para a entrada e em breve a senhora Mackenzie ficou ao corrente do que se passara na Fenos de Verão. Riu-se, ao ver como estavam furiosos.

- Não é caso para tal! Provavelmente estão cheios de calor e aborrecidos com toda aquela azáfama. Talvez pensem que nos estamos a intrometer...

- Não quero ir oferecer chá aos da Vivenda Espinheiro - disse Joana. - São capazes de ser rudes, também!

- Não é preciso - declarou a mãe. - Vem ali o filho da casa!

CAPÍTULO II

NOVAS AMIZADES

Um rapaz de aspecto simpático atravessou o caminho para a entrada. Vestia uma camisola e calções, e o cabelo preto e encaracolado era abundante e rebelde. Tinha uns olhos brilhantes e ousados e um sorriso que logo conquistou o coração de Patrícia.

- Bom dia - cumprimentou, quando a senhora Mackenzie lhe abriu a porta. - Já deve saber que a minha mãe e eu nos mudámos para a casa ao lado. A mãe não queria incomodar, mas não se importa de nos emprestar uma chaleira? A nossa desapareceu.

- Íamos agora mesmo oferecer-lhes um bule de chá - disse a senhora Mackenzie. - Terei muito gosto em lhes emprestar uma chaleira. Mas entra e espera um minuto, enquanto faço um pouco de chá para lewares.

O rapaz obedeceu. Sorriu para os gémeos e para Patrícia.

- Olá! São os vizinhos, não são? Há alguma coisa de interessante nesta cidade? Eu morava em Croydon e lá acontecia sempre qualquer coisa, podem acreditar. Fazia parte de um bando simpático.

- Que é um bando? - perguntou Patrícia.

- Oh! Um grupo de rapazes... e de raparigas também, às vezes. Como vos chamais? O meu nome é Berto, Alberto Kent.

- Nós dois somos gémeos, Joana e Donald. Temos onze anos - respondeu Joana, apontando para si e para o irmão. - Esta é a Pat. É a mais nova, tem sete anos; não passa de um bebé.

Berto sorriu para Patrícia.

- Não é um bebé. Tive uma prima de sete anos que conhecia toda a espécie de brincadeiras. Aposto que Pat é na mesma.

Patrícia estava encantada. Não conhecia brincadeiras nenhuma, mas agradava-lhe que Berto pensasse o contrário. Sorriu-lhe francamente, esperando que ele se tornasse amigo dela e não de Joana e Donald. Mas ele era tão alto! Nunca se interessaria por uma pequenita como Pat!

A senhora Mackenzie afastou-se para ir pôr a chaleira ao lume. Também gostou de Berto, um rapaz muito simpático e senhor de si - pensava. Os seus filhos ficariam contentes por poderem brincar com ele.

- Quando chega o teu pai? - perguntou Joana.

- Só vimos a tua mãe.

- O pai morreu - respondeu Berto. - Morreu há um ano. Sinto muito a falta dele. Vivo sozinho com a mamã, de modo que tenho de olhar por tudo, quando ela sai.

Os gémeos sentiram pena de Berto. Amavam muito o pai, que era afável e terno, severo também, mas que lhes queria muito! Devia ser triste não ter um pai que lhes dissesse: Sim, podeis ou Não, não podeis ou que os levasse ao Jardim Zoológico ou a um piquenique com a mamã.

A senhora Mackenzie voltou com o chá. Tinha-o colocado numa bandeja, juntamente com um jarro de leite, um copo de limonada e um prato de bolos.

- Muito obrigado - agradeceu Berto. - Vai-me saber bem uma limonada. Depois trago a bandeja. Obrigado também pela chaleira.

Saiu, transportando cuidadosamente a bandeja. Ao passar diante de Patrícia, piscou-lhe um olho, embora ela não gostasse desse gesto. Mas correu atrás dele, contente por sabê-lo a morar na casa ao lado. Não a considerava um bebê, portanto, poderia muitíssimo bem brincar com ela.

- Gostou do Berto, mamã - perguntou Donald. - Eu gostei. Vai ser agradável tê-lo connosco, pronto para tudo.

- Sim, gostei - respondeu a senhora Mackenzie, ao mesmo tempo que perguntava a si mesma que género de coisas estaria Berto pronto a fazer. Tinha um ar audacioso, talvez fizesse o que não devia. Mas que simpático rapazinho!

Olhou para os gémeos: cabelos ruivos, rostos sardentos, olhos de um castanho esverdeado. Pat, pelo contrário, tinha cabelos pretos e olhos

castanhos. A senhora Mackenzie esperava que Berto se afeiçoasse um pouco à filha mais nova. Era tímida, sonhadora e sofria com o abandono a que a votavam os gémeos. Isso fazia dela a menina da mamã.

O cão Frisky desatou a correr, abanando a cauda. Alcançara o rapaz junto ao portão. Tinha gostado dele, da sua voz grave e agradável, da maneira como o afagara e lhe dera palmadinhas, firme e confiadamente. Frisky pensou que era um rapaz ideal para um cão!

- Bom, já temos um vizinho simpático, pelo menos - comentou Donald. - Espero que vá connosco para a escola.

Mas era sábado e não havia escola. Os gémeos foram dar um passeio com Frisky. Patrícia foi visitar a tia com a mãe, embora tivesse preferido mil vezes ir com Joana e Donald.

As duas novas famílias acabaram de se instalar naquele dia e no seguinte. Os cortinados foram colocados e as casas começaram a tomar um aspecto de habitadas. Quando, naquela noite, as luzes brilharam através das janelas, os Mackenzie sentiram-se contentes.

- É agradável termos novamente vizinhos. - disse Joana. - Não podemos convidar o Berto para o chá?

- Convida-o na quinta-feira. - alvitrou a mãe. - Até lá, terá tempo para se instalar.

Berto compareceu na escola que frequentavam na terça-feira. Andava na classe abaixo da de Joana e Donald, mas mais adiantado do que Patrícia, evidentemente. As três crianças de Fenos de Verão também compareceram. Estavam todas bem vestidas e limpas. Disseram chamar-se Leonor, Hilda e Tomás Berkeley.

Quando chegou o intervalo das onze horas, Berto apressou-se a ir ter com Joana e Donald.

- Olá! Passei esta manhã por vossa casa, mas já tinheis saído. Viva, Pat! Queres um biscoito?

- Oh, obrigada! - exclamou Pat, orgulhosa com a oferta daquele rapaz mais velho do que ela.

- São os vizinhos da casa em frente? - perguntou Berto, olhando na direção de Leonor, Hilda e Tomás. - Parecem muito presunçosos e o rapaz deve ter mau génio, não acham?

- Não é muito amável com as irmãs - disse Joana. - Ainda há pouco deu um encontrão numa delas.

- Bem, eu também era capaz de empurrar uma irmã minha, se ela fosse presunçosa - declarou Berto. - Vamos brincar aos polícias e ladrões. Eu faço

de ladrão e vós de polícias. Pat poderá fazer de detective e ver tudo o que eu faço.

Berto tornou a brincadeira muito excitante e foi com pena que a interromperam, quando a sineta anunciou o fim do recreio. Ao entrarem, Berto deu um encontrão em Tomás, que logo replicou:

- Olha lá! A quem estás a empurrar?

- A ti - respondeu Berto jovialmente. - Como te chamas: Tomás ou Tom? O meu nome é Berto. Moro duas portas a seguir à tua, em frente.

- Chamo-me Tomás Berkeley ou Tom, se quiseres. - disse Tomás, olhando severamente para Berto. Este sorriu e o outro imitou-o, o que lhe fez perder o aspecto carrancudo.

Os Mackenzie, Berto e Tom seguiram juntos para casa. Leonor e Hilda caminhavam um pouco atrás, falando em voz baixa. Mostravam-se delicadas, mas pouco comunicativas.

- Ainda não decidiram se devem ou não dar-se connosco - observou Joana e Donald.

Frisky correu ao encontro das crianças. Berto fez-lhe uma carícia, assim como Tom, que declarou:

- Gostava de ter um cão. Sempre o desejei, mas a minha mãe diz que se tivéssemos um cão seria para todos e não só para mim.

- O Frisky é de nós todos - disse Donald. - Todos o compartilhamos e ele gosta.

- Pois com as minhas irmãs não gostarias de compartilhar nada - insinuou Tom.

- Também gostava de ter um cão - disse Berto. - Mas a minha mãe diz que seria um aborrecimento. São animais que chafurdam na lama e outras coisas.

- Mas lavam-se - replicou Joana. - Que importa isso? Eu e Donald limpamos muitas vezes a lama que o Frisky traz.

- E eu apanho os pêlos que ele larga no sofá da mamã - acrescentou Patrícia. - Ainda bem que a nossa mãe gosta de cães!

- Oh! a minha dá-me tudo o que eu quero - interrompeu Berto. - Vou ao cinema, como doces, tenho um bonito comboio eléctrico. Os carris ocupam o chão todo, quando os estendo.

- Eu também tinha um - disse Tom. - Mas quando nos mudámos da nossa grande casa para esta mais pequena, a mamã vendeu o meu comboio. Disse que não havia aqui espaço para brincar com ele. O meu pai zangou-se, disse que eu podia ter ficado com ele. Foi uma bela discussão.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

